

**Almanaque do Jornal Fanfulla:  
A visibilidade da imigração italiana em Minas Gerais  
no princípio do noventaes (1875-1906)**

Leonardo de Oliveira Conedera<sup>1</sup>

**Resumo**

No presente texto pretende-se tratar do almanaque *Il Brasile e gli Italiani* organizado e publicado pelo jornal Fanfulla em 1906 em São Paulo. Sabe-se que este almanaque já foi citado e utilizado em alguns trabalhos, entretanto esta fonte propõe inúmeras potencialidades de pesquisa que é pertinente explorar com maior exatidão as suas informações. Além disso, visa-se expor a importância desta publicação para se interpretar e se visualizar a coletividade italiana em Minas Gerais. O almanaque do jornal Fanfulla foi elaborado com a finalidade de divulgar as características do Brasil – bem como expor os inúmeros espaços onde as coletividades italianas concentravam-se no país, assim como os nichos econômicos e sociais nos quais os peninsulares sobressaiam-se – na exposição internacional que ocorreu, em 1906, na cidade de Milão. Portanto, a partir do almanaque já mencionado propõe-se apresentar e analisar as possibilidades desta fonte, por exemplo, observar a mobilidade e inserção social do imigrante italiano qualificado no espaço urbano mineiro durante o final do século XIX e início do XX.

**Palavras-chaves:** imigração italiana, Almanaque Il Brasile e gli Italiani, cidades mineiras.

**Introdução**

Neste texto pretende-se tratar do almanaque *Il Brasile e gli Italiani* organizado e publicado pelo jornal Fanfulla em 1906 em São Paulo. Sabe-se que este almanaque já foi citado e utilizado em alguns trabalhos, entretanto esta fonte propõe inúmeras potencialidades de pesquisa que é pertinente explorar com maior exatidão as suas informações. Além disso, visa-se expor a importância desta publicação para se interpretar e se visualizar a coletividade italiana em Minas Gerais.

Então, por intermédio do almanaque já propõe-se apresentar e analisar as possibilidades desta fonte, por exemplo, observar a mobilidade e inserção social do imigrante italiano qualificado no espaço urbano mineiro durante o final do século XIX e início do XX.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, atualmente é bolsista PNPd-Capes no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: [leocone5@hotmail.com](mailto:leocone5@hotmail.com).

## **A imigração Italiana no Brasil (1875-1914)**

Em um século, entre 1860 a 1960, mais de 20 milhões de indivíduos partiram da Península Itálica e mais de 7 milhões se permaneceram no exterior. A mobilidade migratória na Itália aumentou no último quartel do oitocentos, especialmente nos anos subsequentes ao *Risorgimento* (1861). Dos portos de Gênova e Nápoles transitavam transatlânticos cheios de pessoas dispostas a procurar melhores oportunidades no exterior (CONSTANTINO, 2007).

Angelo Trento sublinha que, entre 1887 e 1902, processou-se um fenômeno de migratório de massa de italianos para o maior país da América do Sul. Este acontecimento favoreceu consistentemente para o recrudescimento demográfico do Brasil. Trento (1989, p, 18). ainda destaca que “o Brasil colocava-se, assim, em 3º lugar no fluxo incessante da emigração italiana entre os anos 80 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos Estados Unidos (5 milhões entre 1875 e 1913) e da Argentina (2.400.000).

É importante referir que a migração é um fenômeno complexo que compreende uma multiplicidade de motivos internos e externos. No caso italiano, diversos aspectos possibilitaram a mobilidade de seus cidadãos.

Antonio Golini e Flavia Amato (2002) frisam que, entre 1876 e 1914, a emigração dos italianos ocorreu, sobretudo, por duas circunstâncias de expulsão, o econômico-social e outro político. O primeiro encontrava-se imbrincado com a economia pós-Unificação italiana, cujo pilar principal era o setor primário e que enfrentou fortes prejuízos entre 1873 e 1879, quando houve a primeira grande depressão mundial, o que motivou a desvalorização da produção agrícola. Isso propiciou grave crise social e vários camponeses vislumbraram na migração um caminho alternativo para escapar das adversidades.

O segundo motivo refere-se à política migratória praticada pelo governo italiano, que se distinguia pela falta de fiscalização e de tutela pelas autoridades, já que não havia uma lei orgânica que mediasse o fluxo de migrantes durante o século XIX. Nesse contexto, a emigração caracterizava-se, principalmente, como espontânea e/ou clandestina. Também para corroborar com esse cenário, a Lei Crispi, de 1888, permitiu o direito de liberdade para os peninsulares deixarem a sua pátria. Em síntese, o binômio crise econômica e política liberal facilitaram o êxodo italiano (GOLINI; AMATO, 2002).

Sabe-se que, o Brasil promulgou o Decreto nº 528, em 28 de junho de 1890, cuja execução do seu cronograma terminou auxiliando o recrudescimento do fenômeno migratório no país. Além disso, a Constituição de 1891 liberou aos Estados a autonomia para a gestão de projetos que possibilitassem à chegada de imigrantes (CONSTANTINO, 2007). Diégues Júnior (1964) aponta que, do final do oitocentos e a Primeira Guerra Mundial, ingressaram, aproximadamente, 2.594.720 imigrantes no Brasil e, destes, 1.063.173 seriam provenientes da Península Itálica, o que corresponde a mais de 40% dos estrangeiros que aportaram no país.

De 1845 a 1915 é o espaço de tempo no qual se circunscreve a primeira grande emigração transoceânica. Nesse contexto, a Itália foi o segundo país em cifras numéricas que mais apresentou deslocamentos, sendo precedida apenas pela Grã-Bretanha (CORTI, 2007). Na segunda metade do século XIX, a mobilidade tradicional alterou-se para uma migração não mais temporária, quando não definitiva por aqueles migrantes que partiam de seu *paese* de origem (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010).

A emigração italiana foi um fenômeno que, praticamente, envolveu todas as *Regioni* da península. Obviamente que, algumas províncias demonstraram maior êxodo que outras. Após a Unificação, várias nuances endógenas e exógenas da sociedade italiana favoreceram para a mobilidades de grande parte de súditos do Estado recém-criado.

Nos últimos decênios do século XIX, muitos italianos em meio ao grande fluxo de partidas procuraram por países do Novo Mundo. Para inúmeros deles a experiência migratória era um costume, isto é, para os muitos indivíduos da península migrar não era uma novidade. No mundo popular existia uma cultura da mobilidade. Precedentemente, ao *Risorgimento*, migrantes de várias áreas da Itália transitavam para os mais diversos países. Frequentemente, os migrantes não se deslocavam por elementos relacionados a privações, mas aos motivos da sua mobilidade vinculada ao seu *mestiere* (BEVILACQUA, 2005).

Os habitantes dos *paesi*, localizados nas áreas montanhosas e mais isolados, não saíam de uma localidade cheio de dificuldades, porém se deslocavam com a intenção de buscar as oportunidades que o mercado de trabalho lhes possibilitava. Os italianos tinham a “cultura da mobilidade”, que lhes propiciavam uma capacidade de movimento para as rotas que lhes abriam enormes perspectivas, como para os países americanos entre o final do oitocentos e o início do novecentos (BEVILACQUA, 2005).

Em todo território brasileiro, os peninsulares estabeleceram-se abrindo suas casas de comércio, oficinas, ateliês, escritórios, assim como exercendo a mão de obra no setor

secundário e de serviços. Desde o período colonial, estrangeiros originários da península transitavam pelos núcleos urbanos do Brasil. Essa presença já demonstrava um caráter especializado, pois era composta por clérigos, militares, médicos, arquitetos e artistas entre outros afazeres (CONEDERA, 2017).

Em síntese, a imigração italiana assumiu uma relevância em termos quantitativos no contexto brasileiro desde meados do século XIX e o princípio da Segunda Guerra Mundial. As levas de peninsulares tornou-se o segundo maior grupo de estrangeiros radicados no país.

### **O Almanaque do jornal Fanfulla, *Il Brasile e gli Italiani* (1906)**

O Jornal Fanfulla, em 1906, lançou a obra *Il Brasile e gli Italiani*. Este foi o primeiro almanaque impresso em língua italiana no Brasil. A publicação dispõe mais de mil e duzentas páginas e com a intenção de apresentar os inúmeros espaços cuja presença italiana alcançou no território brasileiro.

Vale lembrar que o periódico Fanfulla<sup>2</sup> foi fundado e criado pelo imigrante, Vitaliano Rotellini nos anos finais do século XIX, e se transformou, os primeiros decênios do novecentos, no principal jornal da comunidade italiana no Brasil e, sobretudo, no seio da coletividade de peninsulares de São Paulo (CENNI, 1975)<sup>3</sup>.

Sabe-se que Vitaliano Rotellini na imprensa étnica que obteve grande notoriedade, como um dos principais personagens do jornalismo italiano no Brasil, esse reconhecimento o acompanhou também na esfera política, quando o nome de Rotellini, pois o editor concorreu à presidência do Estado paulista (CENNI, 1975).

O Fanfulla, exibia elementos de equilíbrio entre as diversas rubricas e os inúmeros tópicos, fornecendo matérias e comentários acerca do panorama da política italiana e brasileira, sobre o contexto da coletividade, sobre as temáticas econômicas, informando o seu público a respeito dos eventos da cidade de São Paulo e interior, tal qual o restante Brasil e, em alguma proporção à América Latina. Vale referir que o jornal estampava nas

---

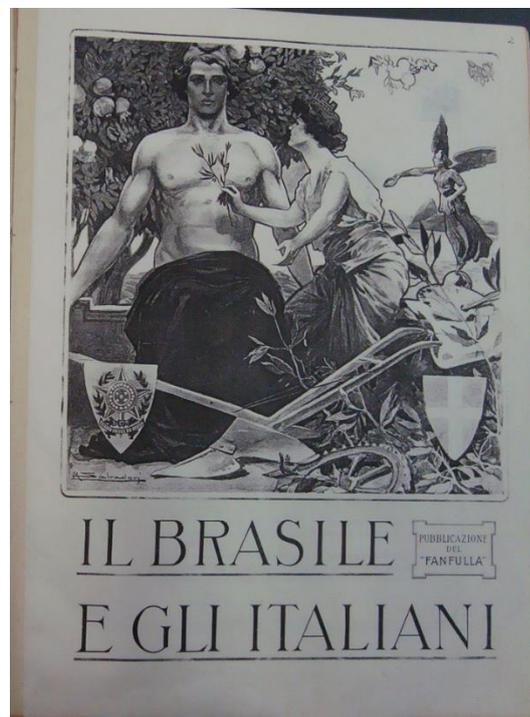
<sup>2</sup> O Fanfulla nome inspirado em um Frade- soldado de Lodi (cidade italiana) conhecido por suas expressões cômicas e sarcásticas. Assim, o semanário humorístico se tornaria um diário e mudaria sua característica ao priorizar com mais seriedade os temas relativos a políticas, econômicas e sociais para a colônia de italianos.

<sup>3</sup> Sobre o jornal Fanfulla ver: CONSOLMAGNO, Marina. **Fanfulla: Perfil de um Jornal de Colônia (1893-1915)**, tese de mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo 1993; TRENTO, Angelo. Il 'Fanfulla' di San Paolo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo. **Anais do V Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4-5 nov. 2009.

suas páginas vários aspectos como: crônica social, informações esportivas e anúncios publicitários (TRENTO, 2009).

Dentre os vários jornais em língua italiana editados no Brasil, o Fanfulla conseguiu interpretar as exigências, anseios e reivindicações da coletividade italiana, assim como promoveu uma esfera de diálogo com a sociedade receptora, buscou a promoção de uma reflexão e entendimento até mesmo nas ocasiões de tensão. A saber, o periódico conseguiu conquistar leitores em praticamente todas as camadas sociais. Além disso, o periódico levou em frente nos seus primeiros decênios de vida uma retórica incansável das camadas mais populares (TRENTO, 2009).

**Figura 1- Contracapa do Almanaque**



**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfulla, 1906.

A partir de uma pauta anticlerical e republicana, junto ao radicalismo burguês e com declaradas simpatias pelo movimento operário, o periódico amenizar esta linha nos anos iniciais do novecentos. Ulteriormente, a saída do fundador Rotellini em 1910, e o ingresso de um novo editor, Angelo Poci, o diário se avizinhou de uma linha editorial mais afeita as pautas dos segmentos da elite italiana imigrada e aos representantes diplomáticos e, embora não erradicar as críticas ao governo italiano, que marcou a atuação do período no seu princípio, o seguiu realizando com menor assiduidade, porém com nuances mais ponderadas (TRENTO, 2009).

Sabe-se que a tiragem do periódico desde o seu princípio, gradualmente foi recrudescendo o seu número de exemplares que atingiu a cifra de 20.000 cópias em 1915 e de 40.000 em 1934, tais números fizeram do *Fanfulla* o segundo jornal mais requisitado de São Paulo, permanecendo atrás somente do jornal “O Estado de São Paulo” (TRENTO, 2009).

Angelo Trento destaca que cálculos aproximativos realizados assinalam para a existência de 170 periódicos italianos entre o final do século XIX e as primeiras duas décadas do XX, no Brasil (TRENTO, 2013). E grande parte destes jornais eram editados no Estado paulista. De acordo com Trento (2013, p. 31)

Além de defender os interesses da Itália e dos italianos no Brasil, de tornar as relações mais cordiais com a sociedade local e, eventualmente, de fornecer informações práticas... as publicações burguesas conferiam a si próprias um papel pedagógico

Reforçando a identidade étnica e o enaltecimento do imigrante e da sua coletividade, e concomitantemente valorizando a Itália e o italiano. Analisando a obra do almanaque *Il Brasile e gli Italiani* também se infere o forte caráter étnico, como aquele existente na imprensa de emigração, como também o claro propósito de divulgar o Brasil para os conterrâneos que residiam na península.

Além disso, diferentemente do periódico, o Almanaque possui um aspecto um pouco diferente dos jornais. Conforme Jacques Le Goff (1990), foi no século XVII que a literatura popular iniciou a divulgar e propagar os almanaques, com peculiaridades que os qualificavam como uma obra que apresentava inúmeras ilustrações, desenhos e signos, sendo uma publicação de informação direcionado para as pessoas que lessem excepcionalmente, assim como os analfabetos.

Na Itália, os almanaques apareceram, inicialmente, na cidade de Turim com assuntos destinados aos proprietários de terras e agricultores. Eram obras agrárias que divulgavam as novas técnicas de cultivo e manuseio da terra, porém com um detalhe, possuíam o alvo de trazer uma argumentação que se aproximasse ao cientificismo europeu (PARK, 1999).

A partir da invenção da imprensa, os almanaques anuais ganharam destaque, costumeiramente trazendo elementos astrológicos e astronômicos, temáticas históricas, políticas, sugestões de conselhos para a manutenção da saúde e medicina popular, que eram compilados por médicos e astrólogos. No Brasil, a partir do princípio do século

XVIII, os almanaques começaram a ter visibilidade (PARK, 1999). De acordo com Vera Casa Nova (1996), os almanaques caracterizaram-se como uma obra de publicidade, e ao mesmo tempo um caráter de uma literatura popular.

Na apresentação do Almanaque *Il Brasile e Gli italiani* – publicado, em 1906, pelo jornal *Fanfulla* – que foi escrita por Vitaliano Rotellini (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906, p.2). que pondera:

Este livro tem uma razão de existir e um objetivo bem determinado. A razão é que o Brasil e a obra dos italianos que se estabeleceram aqui são quase que completamente desconhecidos na Itália, da sua organização político-econômica, dos progressos ocorridos em um breve espaço de tempo; e ao lado disso lançar luz a obra dos italianos e ao resultado dos seus trabalhos<sup>4</sup>.

Na apresentação do almanaque, além de expor o escopo da publicação, Rotellini aponta que ele foi pensado e com objetivo de apresentar o mesmo na exposição de Milão em 1906. A intencionalidade era veicular uma obra que enaltecesse a atividade do desenvolvimento da imigração italiana em território brasileiro. Nesse sentido, a ocorrência da exposição de Milão proporcionaria expor um pouco sobre o percurso e a realidade vivenciada por brasileiros e italianos no Brasil para a população e autoridades italianas que se encontravam na Itália.

Além disso, no princípio do novecentos, a imagem do Brasil, na península, encontrava-se prejudicada. O Decreto Prinetti, que na realidade foi uma Portaria, sancionada pelo Comissariado Geral da Emigração na Itália em 26 de março de 1902, coibiu a emigração subvencionada para o Brasil. Esta Portaria foi nomeada com o sobrenome do então Ministro do Exterior da Itália, Giulio Prinetti e foi aprovada em decorrência de um relatório a respeito das precárias condições de trabalho nas fazendas brasileiras (principalmente no interior de São Paulo) (TRENTO, 1989).

Este relatório (compilado por Adolfo Rossi) referia as situações vivenciadas pelos migrantes italianos nas lavouras de café, no contexto dos últimos decênios do oitocentos. Apesar de tornar proibida a imigração subsidiada de italianos para o Brasil, não impossibilitou a migração espontânea, a saber, os peninsulares, que quisessem imigrar para o Brasil, teriam que custear as despesas das suas passagens, e não depender do bilhete pago pelo governo brasileiro.

O lançamento do Almanaque *Il Brasile e gli Italiani*, portanto, pretendia ressaltar e propagar o trabalho e desenvolvimento promovido pelos imigrantes italianos no Brasil,

---

<sup>4</sup> Tradução realizada pelo autor.

assim como mostrar um contexto mais amplo da história, política, sociedade e economia do país sul-americano que recebeu milhares de imigrantes peninsulares.

### **Empreendedores italianos no contexto mineiro (1880-1906)**

O Almanaque, *Il Brasile e gli Italiani* (1906), apresenta 12 empreendedores, que se dedicavam a diferentes segmentos profissionais e comerciais, cujos destinos escolhidos foram duas cidades de Minas Gerais, Belo Horizontes e Juiz de Fora.

Em Belo Horizonte, os italianos constituíram, desde os seus primeiros anos de sua existência, um contexto de pequenos empreendedores, dominando de maneira avassaladora o setor da construção no final do oitocentos. Nesse mesmo período, havia a presença de estruturas sindicais e militantes políticos originários da península no setor da edificação do começo do século passado (BIONDI, 2008). Luigi Biondi (2008, p.44) aponta que:

[...] a componente italiana entre os estrangeiros de Belo Horizonte maior tendência à urbanização da imigração italiana em Minas em relação a São Paulo e a outros estados, embora as autoridades da época tenham destacado que mais de 70% dos imigrados foi trabalhar inicialmente nas fazendas de café e somente 13% destes se dirigiu diretamente aos centros urbanos. Ainda assim, a componente urbana dos imigrados foi aumentando consideravelmente, num processo de inserção urbana profundo e constante, que caracterizou os centros mineiros em volta dos quais residia a população imigrada rural. Segundo o consulado italiano, em 1913 mais de um terço dos imigrantes patrícios residia em centros urbanos, enquanto que em São Paulo vilas e cidades absorveram cerca de 1/3 dos imigrantes italianos até a primeira década do século XX.

No âmbito da construção civil, o construtor, Luigi Romano, destacou-se como artífice das construções na capital mineira, onde executou o prédio do Correios e Telégrafos. Vale lembrar que no princípio do século passado, Belo Horizonte é ainda um centro urbano em pleno crescimento. Logo, a construção civil foi um nicho de trabalho onde muito estrangeiros, dentre estes vários peninsulares, encontraram oportunidade de empregos.

Sabe-se que, nas primeiras décadas do novecentos, algumas edificações de Belo Horizonte transparecem o trabalho de engenheiros, arquitetos, mestres de obras e pedreiros italianos (FREITAS, 2007). O *art déco*<sup>5</sup> foi o modelo artístico disseminado na

---

<sup>5</sup> O *art déco* foi um movimento que exibe influências do cubismo, do construtivismo russo e do futurismo italiano largamente difundido nos espaços urbanos a partir da década de 20 do século passado.

capital mineira por profissionais peninsulares. Da mesma forma esse mesmo estilo foi difundido também nas capitais paulista e carioca por artífices provenientes da Itália.

No entanto, o segmento mais destacado dentre os imigrantes estampados nas páginas do almanaque publicado pelo jornal Fanfulla era a atividade de relojoaria e Joalheria. Os estabelecidos neste ramo na capital mineira pode-se elencar os migrantes: Carlo Albini, Luigi Balena, Ruggero Campi e Riccardo Setraghi. Os quatro italianos abriram seus negócios próprios fornecendo produtos e serviços de consertos para a sociedade belo Horizontina (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

**Figura 2- Relojeoria e Joalheiria  
de Luigi Balena**



**Figura 3- Relojeoria e Joalheiria  
de Riccardo Setraghi**



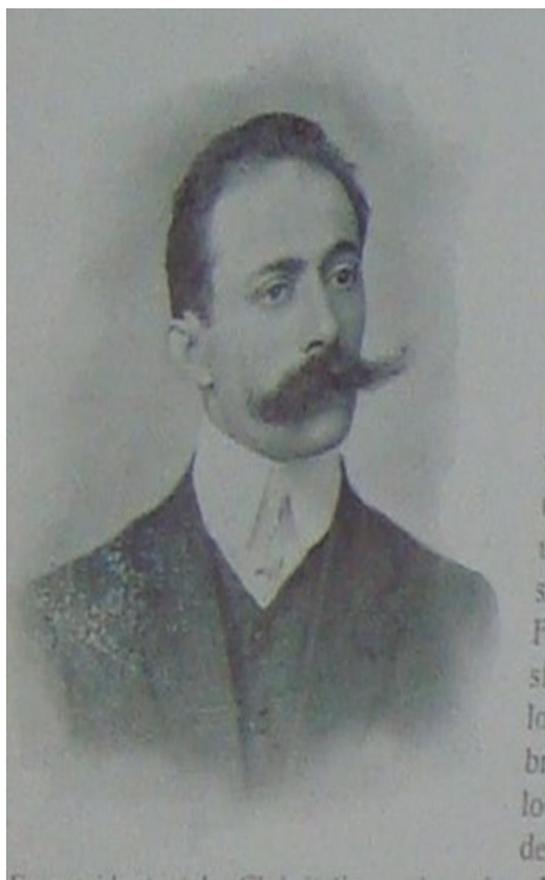
**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfula, 1906.

Empreendedores peninsulares da mesma maneira investiram no setor secundária, como a fundação da Fábrica de Licores e Destilaria de Guido Fraccaroli em 1902, em Belo Horizonte.

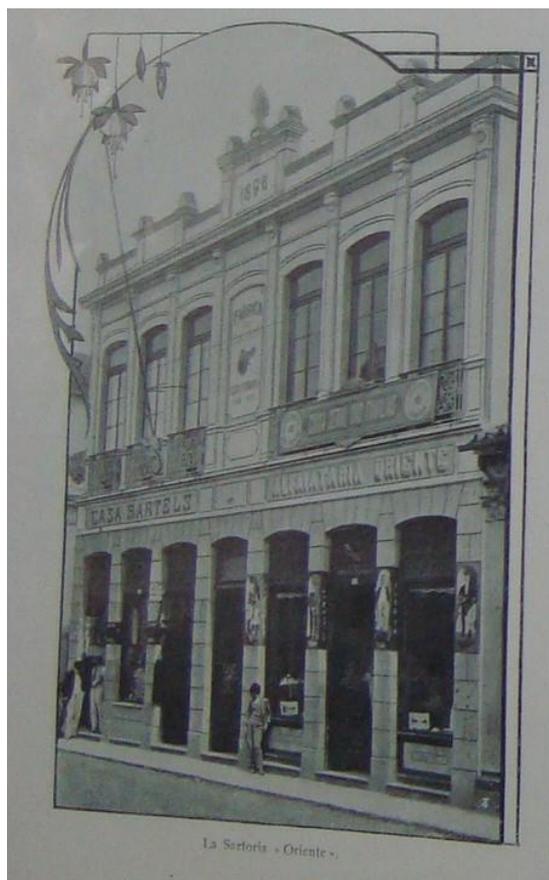
Assim como Fraccaroli na capital, em Juiz de Fora, os peninsulares investiram no segmento fabril. o Veneto Paolo Modenesi, proveniente da província de Pavia, desembarcou no Brasil, em 1893, e criou a sua fábrica de Móveis, pois Modenesi trouxe na bagagem seus conhecimentos nas técnicas de marcenaria.

Outro migrante proveniente da Itália Setentrional que se radicou na cidade foi Virgilio Bisaggio – que aportou em 1895 em terras brasileiras – originário de Este, província de Padova. Em um curto período, Bisaggio prosperou, alcançando distinção na sociedade de Juiz de Fora, inaugurando sua própria alfaiaria a Alfaiataria Oriente, em 1898 (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

**Figura 4- Sr. Virgilio Bisaggio**



**Figura 5- Alfaiataria Oriente**



**Fonte:** ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfula, 1906.

Sabe-se que a cidade de Juiz de Fora sobressaiu-se na região da Zona da Mata Mineira no final do oitocentos, pois no centro urbano observou um veloz desenvolvimento a partir dos proventos das lavouras de café e sua posição geográfica. Estes aspectos lhe propiciaram uma concentração de capitais que atraiu inúmeros empreendedores dentre estes muitos estrangeiros para o município (OLIVEIRA, 1991).

Vale lembrar que não apenas italianos originários do Veneto estabeleceram-se em Juiz de Fora, mas também meridionais, como os Lepido Riolino e Pasquale Senatore ambos naturais da cidade de Salerno. Estes dois *campani* estabeleceram em sociedade Estúdio de escultura em Mármore, já que ambos eram técnicos especializados no trabalho da pedra. Riolino e Senatore começaram como funcionários do Estúdio de Marmoraria Francisco de Paula Castello, e após alguns anos os dois migrantes compraram a marmoraria que os empregou (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

Em Juiz de Fora, construtores italianos também atuaram, como o construtor Luigi Perry que se destacou com várias obras no cenário urbano da cidade. Por exemplo, Perry executou a construção do Mercado público da cidade entre 1903 e 1904. Além disso,

executou outros trabalhos com a realização de chafarizes públicos e projetos para particulares.

Além de Perry, pode-se apontar no cenário da construção civil a empresa de empreiteiros de construção de Pantaleone Arcuri e Giuseppe Spinelli que apresentava uma grande estrutura empregando mais de 110 funcionários (onde mais de 70% de origem italiana) e maquinário importado de Milão (ALMANACCO, IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906)

Observando as trajetórias dos empreendedores italianos do cenário mineiro expostos nas páginas do almanaque editado pelo jornal *Fanfulla* é possível notar que muitos deles tinham um envolvimento com o associativismo peninsular existentes nas suas cidades de destino.

Por exemplo, o alfaiate, Virgiglio Bisaggio, em 1904, tornou-se vice-cônsul em Juiz de Fora. Além disso, foi um participante ativo nas associações italianas *XX Settembre* e *Società di Beneficenza Umberto I* existentes na cidade mineira.

Outro aspecto interessante é observar que os italianos vislumbravam grandes oportunidades no contexto de desenvolvimento das cidades mineiras entre o final do século XIX e o início do XX. O lombardo, Paolo Modenesi, havia imigrado em meados de 1880 para a Argentina, no entanto, encontrou dificuldades em sua experiência no país vizinho ao Brasil, e, em 1893, chegou a Juiz de Fora onde desenvolveu com sucesso a sua fábrica de móveis alcançando já um patrimônio significativo no princípio do novecentos. Assim como Modenesi, Guido Fraccaroli que, durante seus primeiros anos de imigração no Brasil, radicou-se em São Paulo, e depois decidiu, em 1902, instalar sua fábrica, em Belo Horizonte, haja visto o crescimento e possibilidades na capital mineira.

Portanto, a imigração italiana nos centros urbanos mineiros, assim como se observa em outros Estados brasileiros, demonstrou um número significativo de profissionais especializados e empreendedores, como se pode perceber a partir da leitura e análise das páginas no Almanaque *Il Brasile e gli Italiani*.

### **Considerações finais**

Neste texto, buscou-se algumas trajetórias e empreendimentos de migrantes italianos nas cidades mineiras cujo registro encontrasse no Almanaque *Il Brasile e gli italiani* editado pelo Jornal *Fanfulla*. A partir do que foi exposto é possível inferir que os

peninsulares foram ativos empreendedores e em distintos segmentos nas cidades de Juiz de Fora e Belo Horizonte.

O Almanaque editado pelo jornal *Fanfulla* é uma fonte que possibilita investigar a grande circularidade dos profissionais peninsulares no Brasil e na América do Sul. Sabe-se que alguns peninsulares nos seus percursos descritos na obra mencionada evidenciam a mobilidade de migrantes originários de diferentes províncias da península, pelos países da América Latina e Europa previamente a sua instalação no Brasil.

Um elemento importante foi a continuidade de vínculos com seus patrícios nas sociedades de acolhimento. Os empreendedores italianos permaneceram vinculados aos seus compatriotas. O caso de Virgilio Bisaggio – que foi sócio e presidente da associação *XX Settembre*, e tesoureiro da *Società Beneficenza Umberto I* existentes em Juiz de Fora no princípio do século passado – revela a participação atividade associativa dos imigrantes.

Portanto, os peninsulares emigraram para as cidades do Novo Mundo à procura de melhores perspectivas, investindo em distintos empreendimentos como alfaiatarias, ourivesarias, joalherias, marcenarias, bem como no ramo da construção civil, como construtores. Estes encontraram uma realidade fértil e próspera nas cidades mineiras. Esses italianos agregaram novas concepções e produtos nos contextos onde se inseriram, propiciando uma ponte entre a sociedade e cultura italiana com a brasileira.

## Referências

**ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani.** San Paolo: Fanfulla, 1906.

BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale.** Roma: Donzelli, 2005.

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. **Locus (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 2. 2008, p. 41-66.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque:** um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil.** São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

COLUCCI, Michele; SANFILLIPPO, Matteo. **Guida allo studio dell'Emigrazione Italiana.** Viterbo: Sette Città, 2010.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Músicos no Novo Mundo:** a presença musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950). 278f. Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). **História geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.

FREITAS, Marcel de Almeida. A influência italiana na arquitetura de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo** (PUCMG), v. 14, 2007, p. 137-163.

GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. pp. 45-60.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 - 1920)**. Dissertação (Mestrado em História). Niterói, UFF, 1991

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

\_\_\_\_\_. Il 'Fanfulla' di San Paolo e la stampa italiana in Brasile dal nazionalismo al fascismo. **Anais do V Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4-5 nov. 2009.

\_\_\_\_\_. **Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013.